

A SINGULARIDADE DO LUGAR: A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO IDENTITÁRIO PARA O BAIRRO SANTA TEREZA.

Françoise Jean de Oliveira Souza
Karime Gonçalves Cajazeiro

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo analisar a influência do discurso midiático no processo de construção de um imaginário coletivo acerca de um bairro de Belo Horizonte e a reverberação deste imaginário entre os moradores da cidade.

Para tanto, tomaremos como exemplo o bairro de Santa Tereza e analisaremos o modo como os elementos simbólicos e as representações sociais, definidores da identidade local, foram se consolidando no discurso daquela comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Imaginário; identidades coletivas; bairro; discursos midiáticos.

Nas cidades modernas, emergem territórios que se destacam por ostentarem fortes representações sociais. São lugares¹ que se afirmam e se notabilizam pela diferença ou pela oposição aos demais territórios, caracterizando-se pela peculiaridade dos seus modos de vida, costumes ou vocações históricas, ou ainda, pela resistência ao processo mais amplo de imposição da vida urbana – tão marcada por determinações dos valores de mercado. Esses espaços, de maneira geral, são vistos como singulares, posto que portadores de uma determinada identidade, carregada de significados históricos, simbólicos e afetivos. No Rio de Janeiro, há, por exemplo, o bairro de Santa Teresa, reconhecido “como o Montmartre carioca” ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Tereza_\(bairro_do_Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Tereza_(bairro_do_Rio_de_Janeiro))), devido ao grande número de artistas que possuem ateliê e residem no local ou, ainda, o bairro da Lapa, tido como o berço da boemia carioca [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapa_\(bairro_do_Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapa_(bairro_do_Rio_de_Janeiro))). Em São Paulo, destaca-se o tradicional bairro do Bixiga, marcado pela ocupação italiana e pela presença de inúmeras cantinas (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bixiga>).

Em Belo Horizonte, o bairro Santa Tereza corresponde, indubitavelmente, a um destes territórios. Figurando como referência proeminente e distintiva dentro da vida cotidiana da cidade, esse bairro desempenha, atualmente, uma função aglutinadora e polarizadora para os belo-horizontinos. Isto porque os discursos que foram construídos e consolidados, ao longo dos anos, acerca do bairro acabaram por lhe conferir uma grande capacidade de evocar imagens e um conjunto de significados no imaginário coletivo.

Não por acaso, quem chega a Santa Tereza por seu principal acesso, isto é, pela Rua Hermilo Alves com Avenida do Contorno, pode ser surpreendido por uma faixa anunciando o que lhe espera: “Bem-vindos a Sta. Tereza. Lugar de gente feliz e festeira”². Poucos metros depois, quase no entroncamento da Rua Hermilo Alves com Rua Mármore, outra mensagem avisa: “Correr pra que? Você já está em Santê!”³.

¹Segundo Briggs, um dos temas da antropologia foca a questão da ‘querença’, com o intuito de analisar os processos pelos quais os indivíduos e grupos se apegam às menores porções do ambiente em que vivem e o desejo que sentem de dar-lhes um nome: “indivíduos e grupos estão sempre transformando ‘espaços’ em ‘lugares’, ‘apegando-se’ a eles através de hábito, memória, temperamento e associação” (1972:80).

² Faixa colocada por moradores do bairro durante o mês de setembro de 2010, por ocasião do aniversário do “Bar do Lacerda”, um dos tradicionais estabelecimentos comerciais de Santa Tereza.

³ Idem.

Produções discursivas como estas são corriqueiras no bairro, deixando transparecer o desejo de seus moradores em demarcar o território onde vivem, afirmando a sua alteridade a partir da reprodução dos elementos conformadores de um imaginário unívoco e homogeneizante em relação ao bairro. A valorização de algo que lhe é particular, vale ressaltar, é uma forma específica de inserção no todo.

Figura 01

Faixa instalada na Rua Hermilo Alves. Foto das autoras. Set/2010.

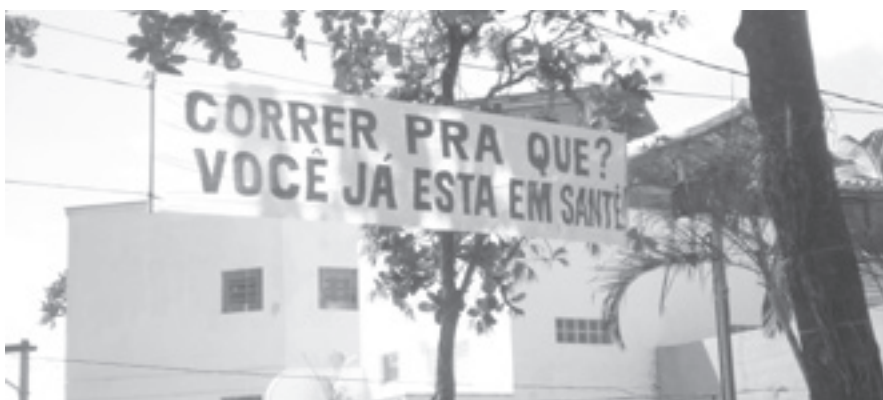


Fonte: Bairros históricos de BH – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Figura 02

Faixa instalada na Rua Hermilo Alves, próximo à Rua mármore.

Foto das autoras. Set/2010.



Fonte: Bairros históricos de BH – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Em linhas gerais, os elementos sustentadores do imaginário e da identidade do Santa Tereza ancoram-se em três representações simbólicas: a de um bairro tradicional – aqui entendido como oposição ao modo de vida moderno, no qual as relações caracterizam-se pela impessoalidade (Simmel 1979) – a de um bairro marcado por uma efervescência cultural e por uma intensa atividade boêmia. Lançando mão de signos já arraigados no seu próprio repertório imagético, os moradores de Santa Tereza procuram se afirmar no interior da metrópole, criando um confortável sentimento de pertencimento e identidade local.

A produção discursiva elaborada por um grupo de moradores do Santa Tereza, baseada nas representações acima elencadas e que reafirmam a existência de um modo de vida *sui generes* naquele bairro, acaba por gerar algo próximo ao que Benedict Anderson (2005) chamou de “comunidade imaginada”, ancorada em uma territorialidade. O compartilhamento de um imaginário comum acerca do bairro faz com que os membros dessa comunidade se reconheçam como iguais, criem laços de pertencimento, construindo e reafirmando as evidências históricas de sua distinção em relação aos demais. Com isto, desenvolvem-se sentimentos de identificação capazes de incorporar sob um discurso único pessoas que, por outros caminhos, talvez não se identificassem.

Uma identidade cultural compartilhada, no entanto, não é algo dado, tampouco é resultante da mera consolidação de hábitos e costumes, embora esteja relacionada com experiências vividas e com elementos da existência real como forma de se afirmar. As identidades também não são rígidas, estanques e atemporais. Ao contrário, elas são contingenciais e socialmente construídas através da seleção e evidenciação de determinados atributos sociais que se desdobram em símbolos. Elas são, em suma, fruto de uma produção discursiva, midiática, ritualística que resulta em tradições que se inventam e reinventam, conforme os desejos de construção social da realidade (Hobsbawn & Ranger 1984).

Partindo do princípio de que as identidades coletivas são fruto de um processo histórico e social, o presente texto tem por objetivo analisar o modo como os elementos simbólicos definidores da identidade local foram se consolidando no discurso dos habitantes do bairro Santa Tereza. Para tanto, analisaremos a influência do discurso midiático e do movimento comunitário chamado “Salve Santa Tereza” no processo de construção de um imaginário coletivo, ancorado em uma territorialidade, bem como a reverberação deste imaginário na fala de alguns moradores da capital mineira.

O bairro Santa Tereza consiste numa das ocupações mais antigas da cidade. Localizado na área pericentral de Belo Horizonte, encontra-se na porção norte da Avenida do Contorno, apartado do centro da cidade por extensas barreiras físicas – a linha férrea e o ribeirão Arrudas. Originalmente ocupado por segmentos populares, o bairro passou por um processo de valorização do solo urbano a partir do final dos anos 1990. Todavia, no censo de 2000, Santa Tereza encontra-se classificado como bairro de classe alta, com renda média mensal do chefe do domicílio igual ou maior a 8,5 salários mínimos e menor que 14,5 salários mínimos⁴. A despeito do processo de valorização imobiliária, o bairro mantém preservado um significativo número de edificações que remontam às primeiras décadas da cidade, constituindo-se em uma área de proteção ao patrimônio cultural da cidade.

Mapa 01

Belo Horizonte: localização do bairro Santa Tereza.



Fonte: Bairros históricos de BH – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

⁴ Censo 2000: IPEAD – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais.

Segundo o previsto no plano urbanístico de Belo Horizonte⁵, a área que hoje conforma o bairro era formada por grande parte da 7ª seção suburbana e por parte da antiga colônia agrícola Américo Werneck ⁶. Nos primórdios de sua formação, a comunidade que lá se instalou era formada basicamente de agricultores e de pedreiros, carpinteiros e pintores, muitos dos quais eram imigrantes europeus que foram atraídos pela oferta de trabalho na construção da nova capital. Em 1898, já haviam sido contabilizados 118 moradores, distribuídos em 23 famílias. Com o crescimento deste número, a ex-colônia agrícola Américo Werneck foi emancipada, em 1912, sendo incorporada, finalmente, à zona suburbana da Capital. Com isto, a região ganhou os primeiros contornos do que viria a se constituir no bairro Santa Tereza (Prefeitura de Belo Horizonte 2010).

Com a emancipação da ex-colônia agrícola, a prefeitura de Belo Horizonte intentou uma política de controle do processo de ocupação da região que deveria se sujeitar às normas atinentes ao uso e à ocupação do solo, ficando sob a responsabilidade da prefeitura a construção de ruas e praças. Para tanto, o bairro recebeu o seu primeiro parcelamento e estabeleceu-se que nenhuma construção poderia ali ser feita sem licença prévia da municipalidade que forneceria, gratuitamente, plantas e alvarás aos que fossem construir suas casas. Segundo o relatório do prefeito Flávio dos Santos, referente aos anos de 1922 e 1924, no chamado “bairro dos imigrantes” foram abertas 28 novas ruas, com 60 quarteirões e 1215 lotes. Estes últimos, por sua vez, estavam sendo concedidos gratuitamente ou alienados a funcionários e empregados estaduais e federais, a oficiais e praças da força pública e a operários (Gomes 19-); delatando, assim, o perfil popular dos seus primeiros moradores.

Nos anos de 1930, o bairro já possuía um bom comércio com profissionais liberais e vários tipos de serviços oferecidos à comunidade. A rua principal já era a Mármore, onde se encontravam padarias, açougues, bares, salões de barbeiros,

⁵ Importante destacar que Belo Horizonte foi uma cidade planejada, tendo sido construída entre 1894 e 1897, para abrigar a nova capital de Minas Gerais, no contexto da proclamação da República.

⁶ O plano urbanístico de Belo Horizonte classificou a cidade em três zonas: urbana, suburbana e rural. Na zona urbana, circundada pela Avenida do Contorno, antiga Avenida 17 de Dezembro, seriam edificadas as principais instituições da Capital. Envolvendo esta zona havia a zona suburbana que, ocupando terrenos mais acidentados, teve seu traçado adaptado à topografia, e suas quadras e lotes maiores e em formato irregular, cortados por ruas mais estreitas. A zona rural, localizada ao redor da zona suburbana, era destinada a sítios que produziriam os produtos agrícolas que abasteceriam a capital.

sapatarias de concertos e tinturarias, muito comuns naquele tempo, e vários outros serviços. Em 1937, foi inaugurado um dos espaços que muito contribuiu para o desenvolvimento de suas características culturais. Trata-se da Praça Duque de Caxias, principal centro das atividades da comunidade e do comércio local. Esta praça situa-se em ponto central no bairro e por ela passam duas vias importantes na região: Ruas Salinas e Mármore. Estas funcionam como vias integradoras do bairro no sentido longitudinal, sendo a praça é um ponto de referência no meio destes dois caminhos. Com a sua implantação, começou a surgir em seu entorno imediato, um significativo comércio local, tornando-se principal ponto de encontro dos moradores e palco de inúmeras manifestações cívicas e culturais. Também, em função do seu ponto privilegiado, erigiu-se ali a igreja do bairro que, não obstante os demorados 31 anos de sua edificação (entre 1931 e 1962), tornou-se uma das principais referências do Santa Tereza. Praça e igreja tornaram-se, por conseguinte, ícones identitários do bairro; e o lugar de sua centralidade.

Figura 03

Praça Duque de Caxias com a Igreja de Santa Tereza ao fundo.



Fonte: Bairros históricos de BH – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Figura 04

Praça Duque de Caxias.



Fonte: Bairros históricos de BH – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Paralelamente às melhorias urbanas, as atividades esportivas e culturais foram tornando-se cada vez mais intensas, com a formação de times de futebol, de clubes recreativos, grupos teatrais e blocos carnavalescos. Em 1925, fundou-se o time de futebol “Santa Cruz”; em 1927, o “Santa Tereza Esporte Clube” e, em 1928, o “Paraguassú”. Estas associações não se limitavam ao futebol, já que em suas sedes ocorriam confraternizações, danças, bailes e apresentações teatrais. Em 1932 foi criado o “Clube Teatral e Recreativo de Santa Tereza”, importante espaço responsável pela organização de diversos eventos sociais e atividades culturais. Ainda em 1932, surgiu o bloco carnavalesco “Não rapo nada”, o mais antigo da região, tendo permanecido até 1981, inspirando o surgimento de outros blocos no bairro, como o “Inocentes de Santa Tereza”, “Galãs Mirins”, o “Unidos de Santa Tereza” e a “Banda Santa”. Ao longo dos anos, surgiram também associações exclusivas para danças e carnaval, como o “Clube Estrela” e o “Clube Tajurá”, localizados na Rua Mármore (Santa Tereza 1991). E assim, ao longo dos anos, o Bairro Santa Tereza foi sendo, gradativamente, associado às práticas culturais, até se tornar uma região representada como um lugar de grande efervescência cultural.

A construção de uma imagem do bairro associada à cultura foi potencializada, por volta dos anos de 1970, pela eclosão do movimento musical que ficou internacionalmente conhecido como Clube da Esquina e que nasceu do encontro de jovens

músicos na esquina das Ruas Paraíso e Divinópolis. Do Santa Tereza, despontaram também duas outras bandas musicais que ficaram nacionalmente famosas – o Sepultura, na década de 1980, e o Skank, na década de 1990 – e que em muito ajudaram a projetar o bairro no circuito cultural da cidade de Belo Horizonte.

O processo de construção e consolidação de uma identidade do bairro, compartilhada pelos moradores do Santa Tereza, contou, ao longo dos anos, com a importante colaboração da mídia, sobretudo, a escrita. Afinal, a palavra dá concretude e materialidade às idéias e ao repertório simbólico já presente no imaginário daquela comunidade. De maneira fluída, a mídia e a realidade relacionam-se, numa via de mão dupla, influenciando-se e transformando-se mutuamente.

A importância da imprensa local pode ser mensurada a partir da análise de dois dos principais jornais que circulam pelo bairro, ao longo dos últimos 20 anos, a saber, o *Santa Theresa* e o *Santa Tereza Notícias*⁷. Por meio destes impressos, é possível perceber a constante reiteração dos principais elementos simbólicos relacionados ao bairro, visando apresentar Santa Tereza como um território diferenciado no interior da cidade, tal como se depreende do subtítulo presente no jornal *Santa Theresa*, da edição nº 22, de junho de 1995: “Bairro de Santa Theresa, o melhor para se viver em Belo Horizonte, mantém suas tradições”. O mesmo pode ser apreendido do artigo abaixo, que reforça a ideia de que o bairro mantém uma tradição de fortes relações de vizinhança:

O bairro de Santa Tereza é próximo do centro comercial, tem arborização, tranqüilidade, segurança e os moradores mais antigos se não são parentes são amigos e bons vizinhos. É por este motivo que lutamos pela preservação do bairro em todos os seus aspectos, principalmente arquitetônico, cultural e tradicional para que possamos entrar no ano 2000 como uma comunidade modelo porque seus moradores se preocupam com a qualidade de vida de suas famílias e de todos os vizinhos (Santa Theresa Dezembro/1998: 1).

Ao longo dos anos, a imprensa do bairro também foi reforçando a ideia de que o Santa Tereza constitui-se em um lugar de forte manifestação cultural e boêmia. Não por acaso, os eventos culturais sempre tiveram lugar de destaque nas chamadas

⁷ O Jornal *Santa Theresa* foi editado mensalmente entre 1989 e 1999, pelo jornalista Luis Góes, morador do bairro e um dos mais destacados estudiosos de sua história. Já o jornal *Santa Tereza Notícias*, editado mensalmente pelo morador do bairro, Cássio Drummond, começou a ser publicado em 2003 e encontra-se ainda em circulação. Ambos os jornais circularam exclusivamente no bairro e arredores. Para a elaboração do presente estudo, foram consultados 26 exemplares não seriados do *Santa Theresa* e 21 exemplares, também não seriados, do *Santa Tereza Notícias*.

de primeira página dos jornais: “Carnaval agita Santa Tereza” (Santa Tereza Notícias Fevereiro/2007: 1), “Festival gastronômico movimentou Santa Tereza” (Santa Tereza Notícias Abril/2007: 1), “Eventos promovem cultura em Santa Tereza” (Santa Tereza Notícias Junho /2007: 1) “A incorrigível e saudável boemia de Santa Tereza” (Santa Tereza Notícias Março/2003: 1), “Santa Tereza é, tradicionalmente, um bairro cultural, que reúne arte e música, ponto de encontro de muitas personalidades” (Santa Tereza Notícias Setembro/2004: 7).

Ressalta-se que os discursos midiáticos assumem maior autoridade e capacidade de convencimento quando lançam mão de elementos que guardam uma relação direta com a história. Afinal, a história atua como instrumento legitimador dos símbolos e das referências que se deseja reforçar, na medida em que “comprova” a sua autenticidade e sua antiguidade, estabelecendo uma espécie de genealogia. Esta última, ao enfatizar a ideia de continuidade a partir da percepção de uma origem comum, torna-se um poderoso instrumento de construção e fortalecimento de uma unidade (Simões 2010: 80).

A ideia de um bairro familiar e com fortes relações de vizinhança, por exemplo, é frequentemente fortalecida pela mídia do bairro que sempre guarda um espaço em suas páginas para contar um pouco da história dos seus moradores mais antigos. Ao trazer à tona a história das personalidades pioneiras na ocupação do bairro, cria-se a sensação de continuidade com o passado, ao mesmo tempo em que aproxima os moradores, tratando-os como pertencentes a uma mesma e grande “família”.

Figura 05

Ilustração publicada no jornal Santa Theresa, que evidencia as “famílias tradicionais” do bairro.



Fonte: Jornal *Santa Theresa* Junho/1995: 8

Da mesma forma, a ideia de que o bairro atua como com berço de grandes manifestações culturais é sempre respaldada por meio da valorização e do relembrar da história do Santa Tereza. Frequentemente, são publicados artigos que exaltam a história dos clubes, das agremiações e dos blocos carnavalescos criados no bairro, estabelecendo, tal como citado anteriormente, uma sensação de continuidade entre o presente e o passado. O desejo de valorizar este passado, tido por “momento fundador” de uma tradição, pode ser depreendido de trechos de reportagens, tais como a apresentada a seguir, que conta a história do bloco carnavalesco “Não Rapo Nada”, criado em 1933: “uma das mais antigas tradições de nossa comunidade são os blocos carnavalescos. (...) a nova geração de Santa Tereza talvez nem tenha ouvido falar desta agremiação que foi uma das mais concorridas e marcou época em nossa região” (Jornal de Santa Tereza. Novembro/1989: 2).

Figura 06

Bloco do “Eu não Rapo Nada”, no carnaval de 1966,
desfilando na Avenida Afonso Pena.



Fonte: Jornal de Santa Tereza Novembro/1989: 2

Particularmente importante para a legitimação da imagem boêmia e cultural do bairro são os artigos que, constantemente, lançam mão da memória do Clube da Esquina e de outros grupos musicais surgidos no bairro, ainda que estas manifestações culturais tenham ocorrido em um contexto histórico específico e de maneira pontual:

O Bairro de Santa Tereza além de ter história e tradição é conhecida por sua cultura em todos os campos da arte. Muito antes do “sepultura”, contemporâneo do “Clube da Esquina” e do atual sucesso do Skank, os garotos da comunidade sempre trilharam o

caminho da música. O bairro foi o berço de diversos grupos de rock. Um desses, o conjunto, “Paladinos”, do final da década de 1960, era formado por garotos da comunidade (...) (Jornal Santa Theresa Março/1999: 3).

Figura 07

Foto do antigo grupo musical “Os Paladinos”.



Fonte: Jornal *Santa Theresa* Março/1999: 3

Por fim, é importante observar que a imprensa do bairro, mais do que somente rememorar os movimentos culturais desenvolvidos em Santa Tereza, atribuindo a estes a função de legitimar as tradições do bairro, procura valorizar a sua importância para a histórica cultural da cidade como um todo:

Santa Tereza é um bairro tradicionalmente conhecido por sua contribuição para o cenário cultural belo-horizontino. O bairro, além de revelar diversos artistas para todo o país, constantemente é palco de atrações, como peças de teatro, shows musicais e exhibições de filmes. As apresentações artísticas realizadas nas praças de Santa Tereza são de grande importância para manterem-se vivos os principais atrativos do bairro: o tão famoso “clima de cidade de interior” e a sua importância para a cultura de Belo Horizonte” (Santa Tereza Notícias Julho de 2006: 2).

Narrativas como as descritas acima têm a importante função de demarcar o lugar do bairro no contexto geral da cidade. Neste sentido, mais do que simplesmente valorizar as tradições de Santa Tereza, é importante colocá-las em um lugar de destaque em relação aos “outros”, aos demais territórios, fortalecendo, ainda mais, o seu caráter *sui generis* e, por extensão, a sua capacidade de gerar sentimentos de pertencimento.

Assim, embora não tenhamos feito uma abordagem exaustiva das fontes impressas; e, tampouco possamos afirmar que elas sejam representativas de todos os pontos de vista sobre o bairro, é possível inferir que este material, ao circular periodicamente pela comunidade, reafirmando e compartilhando um repertório de signos e imagens já disponíveis no imaginário de seus leitores, tornou-se elemento importante na consolidação das representações relativas ao local. Afinal, os veículos de comunicação agem como “um plebiscito diário”, para utilizar de empréstimo a expressão cunhada por Ernest Renan (1997), servindo para atualizar e legitimar, cotidianamente, os elementos promotores da identidade coletiva e dos laços de pertencimento, referendando os elementos que distinguem uma comunidade das “outras”. Este “plebiscito” também possui uma função pedagógica e mobilizadora, visto que potencializa a capacidade de organização da comunidade em prol do bem comum.

O MOVIMENTO “SALVE SANTA TEREZA” E A CONSOLIDAÇÃO DE UMA IDENTIDADE COLETIVA

Além dos discursos midiáticos que foram sendo elaborados sobre o bairro ao longo do tempo, é importante considerar um acontecimento que, de maneira particular, atuou como elemento catalisador do processo de construção de uma identidade coletiva entre os moradores de Santa Tereza. Trata-se do movimento “Salve Santa Tereza”, criado em 1996.

Até meados dos anos de 1970, o Santa Tereza era considerado um bairro distante do Centro de Belo Horizonte, muito embora se localize muito próximo ao perímetro da Avenida do Contorno. Esta impressão de distanciamento é explicada pela situação de isolamento em que o bairro permaneceu em função da sua situação geográfica e das dificuldades de comunicação viária com o restante da cidade. Segundo Baggio (2005), foi o relativo isolamento que o bairro experimentou durante muitas décadas; que permitiu com que o mesmo preservasse maior parte de suas características sócio-espaciais ao longo do tempo. É válido lembrar que o Santa Tereza encontra-se apartado da cidade por duas grandes barreiras, a saber, o vale do Ribeirão Arrudas e a linha férrea. Para aquele autor, “a constituição de Santa Tereza deu-se de modo a manter, por várias décadas, um relativo distanciamento das influ-

ências do moderno e dos seus signos” (Baggio 2005: 168), fato que estaria na base da formação de uma cultura de resistência às transformações. Desde o início de formação do bairro que o acesso a ele é dado pelas Ruas Hermilo Alves e Pouso Alegre. Isto fez com que a região ficasse geograficamente isolada. Contribuiu também como fator de proteção do bairro contra os impactos da substituição imobiliária, a sua condição no âmbito do sistema viário, haja vista que este não se configura como local de passagem, não estando perpassado por grandes redes arteriais de circulação. Isto porque, o bairro sempre ofereceu dificuldades de penetração, com uma topografia acidentada, condição que contribuiu para que, por muito tempo, ficasse à margem dos grandes investimentos imobiliários.

Todavia, na década de 1990, o cenário anteriormente descrito viu-se ameaçado pelas forças da “modernização” impostas pelo urbanismo oficial que, não raramente, desconhece ou ignora os valores e as categorias atribuídos a um espaço por seus habitantes⁸. Naqueles anos, o bairro tornou-se, pela primeira vez, objeto de grandes obras, como a construção, em 1992, do viaduto que passa sobre a Avenida dos Andradas, ligando Santa Tereza a Santa Efigênia e à construção da estação de metrô, inaugurada no ano seguinte. Com estas obras, o bairro tornou-se mais atrativo ao mercado imobiliário tornando-se, por conseguinte, uma zona preferencial de expansão pericentral. Em 1995, o bairro foi incluído nos estudos para o novo plano diretor de Belo Horizonte, como Zona de Adensamento Preferencial (ZAP), o que induzia a ocupação residencial multifamiliar vertical e os grandes empreendimentos imobiliários.

Diante desse contexto, alguns moradores de Santa Tereza, vendo-se na iminência da descaracterização da ambiência peculiar do bairro, mobilizaram-se a fim de resistir à imposição do padrão de ocupação estabelecido pela lei municipal. Assim, em meados de 1996, surgia o movimento comunitário “Salve Santa Tereza”, que tinha como objetivo garantir a preservação das características por eles consideradas como primordiais do bairro. Em linhas gerais, o movimento questionava os impactos que o adensamento urbano poderia causar na qualidade de vida de seus moradores, já então acostumados a um “conceito” diferente de habitar. Este “conceito”, por conseguinte, seria expresso mais claramente no material panfletário elaborado

⁸ As cidades, vale lembrar, não são objetos idealizáveis abstratamente. Ao contrário, são concretizações de modelos culturais, de processos históricos e de conflitos e conjugações que se desenrolam ao longo do tempo. Ver: Voguel, Arno e Mello, Marco Antônio da Silva. 1980. Quando a Rua Vira Casa: A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro. RJ: FINEP/IBAM.

pelo movimento para ser entregue à população local a fim de despertá-la para a mobilização. Deixando claro o que seria, de fato, importante para aquela comunidade, os panfletos apelavam, sobretudo, para preservação das tradicionais referências associadas ao bairro, isto é, o clima interiorano, a cultura e a boemia: “O que fazer para que nosso bairro tenha cada vez mais clima de ponto de encontro cultural de BH, esse jeito de cidade do interior que encanta a todo o mundo, essa gente amiga que adora bater um papo?” (Movimento Salve Santa Tereza 1996). Para reforçar os seus argumentos preservacionistas, o movimento também não abriu mão de utilizar a história como elemento legitimador. Assim, suas publicações lembravam que: “moramos em um bairro tradicional e acolhedor. As famílias descendentes dos imigrantes italianos e espanhóis dão um colorido especial, personalizando, assim, o nosso bairro” (Movimento Salve Santa Tereza 1996). A resistência do Movimento aos planos oficiais de renovação urbana constituiu, assim, um caso claro de produção dramática de identidade social.

Como resultado do Movimento Salve Santa Tereza, a Câmara Municipal acabou por aprovar o artigo 83 da Lei 7.166/96 de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, que transformou o bairro Santa Tereza em uma ADE (Área de Diretrizes Especiais), a fim de evitar as transformações que adviriam da especulação imobiliária. Segundo entrevistas realizadas por Westin (1998) junto à população do bairro, em um momento imediatamente posterior à aprovação desta Lei, depreende-se das falas a consciência da diferença do Santa Tereza em relação às outras regiões da cidade, definidas como o contra-modelo do espaço ideal para se viver, marcadas, principalmente, pela impossibilidade do encontro. Muito frequentemente, os moradores expressaram a preocupação em não fazer do Santa Tereza “uma outra Savassi”⁹, ou um local “sem personalidade” (Westin 1998).

Todavia, tal como destacado por Westin (1998: 77-78), o movimento “Salve Santa Tereza” foi uma iniciativa de poucas pessoas. Este, no entanto, acabou recebendo, num prazo curto de tempo, a adesão de grande número de moradores do bairro. Isso porque o discurso preservacionista dos líderes do movimento ancorava-se em elementos há muito presentes no imaginário daquela comunidade, coincidindo com os desejos individuais nem sempre explicitados coletivamente. Consequentemente, a população do bairro acabou assumindo o movimento como seu. Tem-se,

⁹ A região da Savassi, localizada próxima ao centro de Belo Horizonte, firmou-se, ao longo do tempo, como centro comercial sofisticado, transformando-se, mais tarde, em *point* da juventude e de grande concentração de bares e restaurantes. A grande valorização imobiliária da região vem promovendo a consolidação da ocupação vertical.

assim, o momento culminante do despertar da consciência da alteridade.

O movimento “Salve Santa Tereza” corroborou e consolidou um conjunto de crenças acerca do bairro, catalisando o processo de construção de sua identidade coletiva. Este evento exemplifica bem um fenômeno de formalização e ritualização que Hobsbawn e Ranger (1984) tão bem definiram como o de “invenção das tradições”. A expressão “invenção das tradições” é utilizada em sentido amplo, mas bem definido, incluindo tanto as tradições propriamente inventadas, quanto àquelas que surgem repentinamente e da mesma forma se estabelecem, permanecendo tal como as outras, como se sua origem fosse remota, ainda que durem relativamente pouco. Esse conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica teriam por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição em um processo de continuidade em relação ao passado, via de regra, um passado histórico apropriado. Com isto, obtém-se, dentre outras coisas, uma expressiva coesão social.

Esta coesão, por sua vez, mostrou-se fundamental para a luta em prol da preservação do Santa Tereza. Afinal, foi a partir do momento em que os moradores se reconheceram como um grupo que possui vivências, tradições e valores em comum, que eles puderam, também, reconhecer objetivos em comum. As experiências e valores atribuídos ao passado, nesse sentido, dão importante sustentabilidade aos projetos do futuro.

Frente ao exposto, percebe-se que o que era uma mera compreensão dos moradores do Santa Tereza sobre um modo de vida “em si”, baseado na ideia de tradição, cultura e boemia, ao ganhar consciência de suas particularidades, torna-se um discurso “para si”. O que antes era uma apreensão subjetiva acerca de um conjunto de valores e referências culturais, expressos de maneira pouco sistematizada, torna-se, através do discurso midiático e do Movimento “Salve Santa Tereza”, uma identidade fortemente compartilhada. A força desta identidade e deste discurso “para si” fez-se sentir através da sua oficialização pelo poder público que aprovou a ADE do bairro com base no princípio de que o Santa Tereza guarda “características específicas” que demandam “políticas de intervenção e parâmetros urbanísticos e fiscais diferenciados” (Prefeitura de Belo Horizonte 1996).

A AUTO-IMAGEM DO BAIRRO PELA FALA DE SEUS MORADORES.

Os elementos simbólicos constitutivos da identidade do Santa Tereza, reforçados pelo movimento “Salve Santa Tereza” e pelos discursos midiáticos, foram largamente apropriados pelos moradores do bairro. A análise das entrevistas realizadas com estes moradores nos permite demonstrar o quão enraizadas em seu imaginário

encontram-se as representações de Santa Tereza como um bairro tradicional, boêmio e cultural.

As entrevistas que subsidiaram a elaboração do presente estudo foram realizadas em duas etapas. Na primeira delas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 72 moradores do bairro, escolhidos de maneira aleatória entre três regiões do bairro¹⁰. O perfil dos entrevistados nesta etapa abarcou duas faixas etárias principais, a saber, jovens com idade até 29 anos – 20,83% - e idosos na faixa etária de 60 a 74 anos – 34,72% das entrevistas. Em relação à ocupação atual, 36,11% são aposentados, seguidos por 12,50% que se declararam como “do lar”. Registra-se que esse perfil, com uma grande concentração de jovens e idosos e de aposentados e donas de casa, decorre do horário de realização das entrevistas, feitas no período de segunda à sexta, durante o horário comercial.

Em um segundo momento, buscou-se aprofundar os dados levantados na primeira etapa através da realização de entrevistas abertas. O critério para seleção dos entrevistados se pautou na necessidade de nuançar os discursos identificados na primeira fase da pesquisa que apontavam para a caracterização de Santa Tereza a partir de três elementos principais: cultura, boemia e tradição. Frente a essa informação, optamos por direcionar as entrevistas abertas para moradores do bairro que, de algum modo, se envolvem com as atividades culturais/tradicionais locais, no intuito de contrapor suas falas aos discursos evidenciados até então. Para isso, foram escolhidos seis moradores, a saber: 02 músicos, 01 artista plástico, 01 comerciante tradicional e 01 dono de estúdio de gravação. Além disso, foi entrevistado o jornalista; Luiz Góes, reconhecido estudioso da história de Santa Tereza e que também participou ativamente do movimento “Salve Santa Tereza” na década de 1990. Vale demarcar que a opção por “representantes” do setor cultural/tradicional justifica-se pelo fato de que, supostamente, é a presença desse setor em

¹⁰ A área contemplada pelo estudo partiu do perímetro de proteção delimitado pela legislação urbanística municipal – a Área de Diretrizes Especiais de Santa Tereza. Dentro desta mancha, buscamos identificar áreas que reunissem características relativas ao uso, apropriação e representação simbólica capaz de configurar territórios diferenciados dentro do bairro. Assim, a partir de um exercício de percepção urbana, evidenciou-se a ocorrência de três destes territórios, nos quais aplicamos os questionários, e outros três que foram excluídos do estudo por apresentarem uma ambiência de transição entre Santa Tereza e os bairros da Floresta e Horto. As áreas nas quais foram aplicados os questionários foram denominadas de “área boêmio/comercial”, “entorno do Mercado” e “residencial sul”.

Santa Tereza que mantém ativa a associação do bairro ao tripé cultura/boemia/tradição¹¹.

Os dados levantados na primeira etapa do estudo revelam que 54% dos entrevistados vincularam a imagem do Santa Tereza a adjetivos que, em linhas gerais, sintetizam a ideia de “tradição”, “clima interiorano” e “fortes relações de vizinhança”. Outros 28% associaram o bairro a um lugar de cultura e boêmia, enquanto 21% dos entrevistados fizeram referência à tranquilidade, característica esta que também pode ser associada ao caráter interiorano atribuído ao lugar. Os discursos que sustentam a identidade coletiva do bairro perpassam, portanto, pela associação dos três elementos – cultura, boemia e tradição – elementos estes que servem de afirmação do sentimento de alteridade da população local em relação aos outros espaços da cidade.

Esta distinção, por sua vez, ajuda a reforçar os laços afetivos dos moradores com o bairro. Não por acaso, 69,5% dos entrevistados, ao serem perguntados se pretendem se mudar do Santa Tereza, são veementes ao afirmarem que não: “só vou para o Cemitério do Bonfim. Vou para lá depois de morrer” ou ainda, “Só para o cemitério da Saudade”. Mesmo quando há alguma intenção de mudança, Santa Tereza é tomada como referência para a escolha do novo bairro, como se percebe das expressões a seguir: “Esplanada, por ser uma continuação de Santa Tereza”; “Horto, porque é perto de Santa Tereza”; “Jaraguá, tem semelhança com Santa Tereza na questão da vizinhança”; “Nova Floresta ou Bairro da Graça porque são mais parecidos com Santa Tereza”; “Iria para o interior porque não moraria em outro bairro daqui que não fosse Santa Tereza”.

As mesmas observações puderam ser constatadas nas entrevistas abertas. A maioria dos entrevistados considera que o Santa Tereza se difere dos demais bairros da cidade pela tradição. Esta, segundo os relatos, vincula-se aos laços de sociabilidade presentes no bairro que lembram o modo de vida das cidades interioranas. Essa condição é sustentada, de acordo com os depoimentos, pela presença das famílias “tradicionais” que moram no bairro há mais de trinta anos (L.G., jornalista). Esse fato faria com que houvesse relacionamento próximo en-

¹¹ De acordo com Briggs (1972), os relatos verbais e visuais produzidos pelos artistas, escritores e cineastas possuem papel central no estabelecimento das “identidades” citadinas, no sentido de que “nenhuma cidade ou paisagem é realmente rica, a não ser que tenha sido impregnada de certo misticismo pelas mãos do escritor ou de pintor ou pela sua associação a grandes eventos” (Naipaul *apud* Briggs 1972: 85).

tre vizinhos e práticas cotidianas em que é possível, por exemplo, a troca de cortesias: “onde você encontra um lugar em que o vizinho faz um bolo e vem aqui me oferecer?” (K. dono de estúdio de gravação). Já outro entrevistado, em relação às relações com seus vizinhos, relata que “a vizinhança é gente boa, tem gente antiga, tem gente boa, facilita a gente a convivência” (J.R., comerciante). Outras expressões muito utilizadas para qualificar os modos de vida no bairro foram: “Essa aura de interior”, “bairro mais antigo, de famílias tradicionais”, “um bairro com clima de cidade interiorana”, ou ainda, “[Santa Tereza] é o bairro mais mineiro de Belo Horizonte”.

A aura interiorana também constitui elemento de diferenciação para aqueles que há pouco residem no lugar. Segundo alguns entrevistados, esse clima diferenciado constitui fator de atração de novos moradores para o bairro, que, mesmo não possuindo laços familiares no local, buscam viver no Santa Tereza pelo modo de vida que ele propicia. No entendimento desses entrevistados, o bairro oferece, ainda, relativa segurança em relação a outros espaços da cidade, ao mesmo tempo em que possibilita relações sociais mais próximas. Segundo R. (cantora), o Santa Tereza possui “algo puxando, puxando, que nem ímã”, o que explicaria suas motivações para ir morar no bairro, há cerca de um ano. Para ela, o “ímã” que atrai pessoas para o bairro é formado pelo sentimento de “comunidade”, de “família” e pela “música” que ele representa.

Segundo o relato de outro entrevistado, a condição interiorana verificada no Santa Tereza passa também pelo fato de que no bairro, há ainda a ocupação predominante de casas. Para ele, “a questão da casa é muito ligada à tradição” (M. músico), expressão que revela sua leitura sobre a paisagem local: a presença de casas constitui um dos atributos que confere ao lugar a “atmosfera” tradicional, onde todos se conhecem, como uma grande família.

As falas acima denunciam que, para os moradores do bairro, o modo de viver “interiorano” está intimamente associado à forma como se estabelecem as suas relações de vizinhança. No caso ora analisado, a categoria “vizinho” é entendida como algo mais do que uma continuidade no espaço do *habitat*. Ela é vista como uma “comunidade moral”, isto é, um grupo de pessoas que reconhecem “um conjunto de expectativas e obrigações mútuas” (Vogel & Mello 1980: 84), numa relação de reciprocidade e troca. É esse entendimento que faz com que pessoas “de fora”, tais como a entrevistada R. (cantora), mudem-se para Santa Tereza em busca do acolhimento e proteção supostamente oferecidos por aquela comunidade.

Ainda em relação aos laços de sociabilidade local, vale registrar que algumas entrevistas revelaram a existência de um sentimento comunitário voltado para

a ação em prol do bairro. Além da organização da população local em torno do movimento “Salve Santa Tereza” na década de 1990 (L.G., jornalista), foi feita referência à ação cotidiana que reivindica melhorias para o bairro:

Todo mundo se conhece, todo mundo fica em torno de uma mesma atenção, voltada pra coisa de organizar, está todo mundo cobrando do governador, da região que controla aqui, a Regional. Então todo mundo está sempre cobrando alguma coisa, seja no próprio jornal do bairro, que é um jornal muito bacana (A.F., artista plástico).

Outra faceta da identidade local se expressa, segundo as entrevistas realizadas, na conjugação entre boêmia e cultura. O Santa Tereza apresenta-se, nas palavras de um dos entrevistados, como um “um celeiro cultural”. Não por acaso, ao serem questionados sobre a pessoa mais importante do bairro, Lô Borges e o Clube da Esquina foram os mais citados – 13 vezes cada –, Milton Nascimento foi citado 07 vezes e o grupo Sepultura foi lembrado 05 vezes.

Para um dos entrevistados, os movimentos culturais do Santa Tereza, em seus processos de constituição, se diferenciaram dos demais existentes na cidade pelo fato de que a organização dos eventos culturais locais decorria da intensa participação da comunidade:

“[...] na realidade, os moradores, os antigos moradores, sempre tiveram isso também de, não vou dizer de boemia, mas de confraternização, de música, de arte e de cultura. [Os movimentos culturais do bairro] reuniam vizinhos, amigos, parentes, pai, irmão, filho, cunhado. Tinha 50, 60 pessoas. Promoviam peças teatrais, teatro, viajavam para outros lugares para levar isso [...] Mas eu acho que a nossa característica eram pessoas da família, era um negócio assim, uma confraternização bem familiar, bem mais legal” (L.G., jornalista).

Além das práticas sociais ancoradas nos movimentos culturais, as entrevistas revelaram que o Santa Tereza respira um “ar cultural”. Isso porque, segundo os relatos, há um número considerável de artistas vivendo e frequentando o local.

Embora não seja possível, no âmbito deste estudo, mensurar a presença da classe artística no bairro, fato é que se tornou recorrente a representação do Santa Tereza como um lugar que acolhe e atrai representantes das artes. De acordo com M. (músico), os artistas moradores do Santa Tereza acabam atraindo outros artistas para frequentá-lo, interessados em aproveitar a “energia diferente”:

[...] já vi amigo falar de... de uma energia diferente, mas não sei como falar, não tem como você descrever isso [...] já vi vários amigos, do meio da arte, falando assim ‘Santa Tereza é uma delícia, Santa Tereza é uma delícia, então vamos pro Santa Tereza’, e resolve. Ou então, ‘onde nós vamos? Vamos no Santa Tereza, que lá já tá garantido’.

Talvez seja esse conjunto: da geografia mesmo, espaço, de reunião de bares, muitos bares, em cada esquina tem um barzinho diferente. E isso, talvez, já criou uma procura do setor, assim, não sei, o pessoal já tá mais ou menos direcionado (....)” (M., músico).

Para esse mesmo entrevistado, “cultura”, juntamente com tranquilidade, boa vizinhança e amigos, seria a representação do Santa Tereza. Nesse caso, a vivência da “cultura” decorre das práticas sociais locais, pois, de acordo com seu depoimento, ele, que é um artista do meio musical, consegue andar pelo bairro e encontrar com outros artistas, possibilidade esta de encontro social que favorece a instituição de uma “atmosfera particularizada”. Ainda de acordo com outro entrevistado, o Santa Tereza “é o bairro com maior número de músicos por metro quadrado” (K., dono de estúdio) entendimento este que o levou a escolher o bairro para montar seu negócio.

Outra entrevistada, quando instigada a falar o que lhe vinha à mente quando pensava no Santa Tereza, revela que, para ela, o bairro é “música, cultura, tudo!” (R., cantora). Ela ainda acrescenta que o bairro também representa “a família”, pois revela que no lugar moram seus colegas. R. registrou, ainda, que além dela, outros quatro colegas músicos, que integram o grupo musical formado por músicos brasileiros, colombianos e cubanos, do qual ela participa, moram em Santa Tereza.

Tradição, boêmia e cultura afirmam-se na fala dos moradores como os elementos simbólicos que, para eles, melhor definem os modos de vida em Santa Tereza. Vale ressaltar que tais falas demonstram uma grande semelhança com o discurso que, ao longo dos anos, foi propagado pela imprensa local do bairro e que serviu de subsídio para as reivindicações apresentadas pelo movimento “Salva Santa Tereza”. Percebe-se, no caso ora analisado, a existência de uma relação de circularidade na qual a mídia lança mão de elementos já presentes no imaginário coletivo, difundindo-os e, mesmo, exacerbando-os. Os moradores do bairro, por sua vez, absorvem, reproduzem e, por vezes, resignificam os discursos midiáticos. Com este processo, tem-se uma “naturalização” do conteúdo dos discursos, que passam a ser tomados pelos que deles se apropriam, como uma expressão verdadeira e unívoca da realidade.

Naturalmente, existem muitos elementos presentes nos discursos acerca do bairro que encontram, em maior ou menor proporção, eco na realidade, mostrando-se presentes na vivência cotidiana dos moradores do Santa Tereza. A correlação direta entre o bairro e o ambiente interiorano, por exemplo, encontra respaldo no conjunto arquitetônico do Santa Tereza, possuidor de um relativo grau de homogeneidade que preserva características da ocupação primeira da zona pericentral de Belo Horizonte. Assim, o arruamento, contrariamente ao traçado adotado na

zona urbana, foi adaptado às condições do relevo local, apresentando quarteirões subdivididos em lotes com frente estreita e considerável profundidade. Esse tipo de desenho urbano se apresentou propício a uma forma de ocupação frequente no bairro, que aglutina linearmente, em um único lote, diversas moradias: normalmente, a primeira voltada para a via; e as demais, de caráter mais modesto, construídas nos fundos dos terrenos. A existência de vários núcleos familiares em um mesmo lote pode ser, por sua vez, um fator de favorecimento da aproximação entre os vizinhos. Além disso, há ainda um considerável número de edificações implantadas no alinhamento das vias, diminuindo a sensação de distanciamento entre o espaço público e privado. Esse modelo de ocupação, além de remeter a um tipo de organização espacial mais frequente em cidades antigas ou interioranas, certamente, cria a sensação de haver uma maior aproximação entre as ocupantes das habitações e os pedestres.

Portanto, ao observarmos a ambiência do Santa Tereza, as formas de apropriação dos seus espaços públicos, bem como as relações de vizinhança estabelecidas, percebemos que lá, não há uma completa rigidez relacional entre as esferas da rua e da casa. A rua, no limite, é o lugar onde se dão as relações formais, contratuais e de impessoalidade, mediadas pela lei. Já a casa, também no limite, é o domínio da pessoalização, da informalidade e das relações mútuas que regem esse mundo de pessoas (Vogel & Mello 1980: 70). Todavia, as calçadas, as praças, os bares e o comércio de Santa Tereza guardam exemplos de como a rua pode comportar relações de substância e de intimidade. Em tais espaços do bairro, as relações de formalidade são relativizadas e parcialmente suspensas. Em Santa Tereza, por vezes, a rua pode, também, virar casa.

Não é por acaso que, frequentemente, são feitas referências a um grande número de idosos residindo no Santa Tereza, muito embora os dados censitários desmintam esta impressão. Não só o bairro não apresenta uma população idosa, como ostenta uma média de idade significativamente baixa (Westin 1998). Essa percepção distorcida do perfil etário do bairro pode ser um reflexo do peculiar espaço de convivência oferecido por Santa Tereza, espaço este capaz de garantir aos diferentes elementos daquela comunidade, e, particularmente aos mais idosos, um “lugar ao sol” e até mesmo uma visibilidade que, em geral, lhe é roubada nos outros territórios da cidade moderna.

Além disso, a capacidade de os moradores se organizarem em associações comunitárias – como a Associação do bairro, criada em 1983 e atuante ainda nos dias de hoje – ou de se mobilizarem em prol de algum objetivo – como se deu em 1996, com o “movimento Salve Santa Tereza”, ou quando, em 2008, os moradores se uniram para rechaçar a proposta da prefeitura de transformar o Mercado Distri-

tal de Santa Tereza em posto da Guarda Municipal¹² - não deixa de ser um indício de que aquela comunidade mantém-se agregada o bastante para iniciar um diálogo e organizar, quando necessário, as suas demandas coletivas. Afinal, a convivência mais próxima, por vezes íntima, de seus moradores, se não elimina o dissenso e as disputas, facilita as negociações e as constantes reelaborações daquilo que entendem ser o bem comum.

Por outro lado, é impossível não notar, também, as dissonâncias existentes entre as falas e a realidade observável. É nítida, por exemplo, a existência de um processo recente de modificação da paisagem física do bairro, processo esse que não foi espontaneamente destacado pelos moradores na maioria das entrevistas. A descaracterização de algumas edificações mais antigas e a substituição da ocupação de casas por prédios de três pavimentos (permitidos pela ADE)¹³ traz, em tese, consequências no modo como os moradores se relacionam entre si e com o espaço do bairro. Afinal, demolir casas, “significa muito mais do que desfazer abrigos. Significa, às vezes, derrubar um modo de vida” (Vogel & Mello 1980: 40). Por exemplo, quanto maior o número de edificações multifamiliares, maior o adensamento populacional, o aumento do tráfego de veículos e a dificuldade do contato mais próximo entre os moradores.

As consequências elencadas, todavia, foram pouco observadas pelos entrevistados. Ou seja, o processo de transformação do espaço edificado ainda não foi sistematicamente percebido pelos moradores como um fator de modificação das relações estabelecidas. Ao que parece, o discurso instituído e compartilhado pelos moradores acerca de uma relação de vizinhança e de uma ambiência interiorana é forte suficientemente a ponto de dificultar ou maquiara as percepções sobre a realidade física do espaço.

Também significativa é a constatação de supostas incoerências entre o recor-

¹² O Mercado Distrital de Santa Tereza funcionou até o ano de 2007, quando os comerciantes ainda em atividade foram retirados do espaço. O argumento para a remoção foi o de que o imóvel estava ocioso e dava prejuízo. Após o encerramento das atividades, o mercado ficou abandonado, sendo objeto de proposta da prefeitura. Em 2008, a população se mobilizou contra a transformação do local em sede da Guarda Municipal. O plebiscito popular, realizado no mesmo ano, apontou que 90,3% das pessoas eram contra a proposta.

¹³ Esse fenômeno foi observado na pesquisa intitulada “Bairros históricos de BH – Santa Tereza” financiada pela FAPEMIG e desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUCMinas em parceria com a Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, durante o ano de 2010.

rente discurso relativo aos laços de vizinhança que uniriam os moradores do bairro, conformando um modo de vida diferenciado em relação à cidade, e as opiniões emitidas pelos entrevistados quando perguntados sobre determinadas características dos moradores. Para 80% do total dos entrevistados, os moradores do bairro seriam pouco ou mais ou menos solidários. Ademais, para 86%, os habitantes de Santa Tereza seriam individualistas, adjetivo este que não combina com uma comunidade que, constantemente, se afirma como sendo fortemente marcada pela pessoalidade das relações. Por fim, parece-nos contraditória a constatação de que 52% dos entrevistados consideram os moradores do bairro pouco festivos, posto que o bairro é retratado como um dos mais boêmios da cidade, além de ser, efetivamente, palco de inúmeros eventos culturais.

Respostas como estas, levam-nos a perguntar se haveria uma incoerência ou contradição entre o que se é e o que se deseja ser. Além disso, poderíamos nos questionar se as respostas dadas pelos entrevistados não denunciariam uma cobrança mútua dos moradores do bairro no sentido de exigir que seus vizinhos se comportem como uma verdadeira comunidade moral, tal como fora estabelecido tacitamente pelo código classificatório, o *script*, criado por eles próprios para se definirem como iguais. Trata-se, sem dúvida, de importantes questionamentos que poderiam ser abordados em futuras pesquisas.

Quadro 01
Caracterização dos moradores do bairro.

Caracterização dos moradores do bairro						
Características	Muito	Mais ou menos	Pouco	NS/NA	NR	Total
Trabalhadores	50	12	7	3	0	72
Religiosos	62	7	1	2	0	72
Conservadores/Tradicionais	22	28	18	3	1	72
Alegres	56	9	5	2	0	72
Solidários	14	29	26	2	1	72
Festivos	16	12	38	6	0	72
Jovens	61	7	3	1	0	72
Individualistas	62	7	1	2	0	72
Modernos	57	10	3	2	0	72
Total	400	121	102	23	2	648

Fonte: Bairros históricos de BH – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Por ora, o presente estudo não visa avaliar em que medida os elementos constitutivos da identidade do Santa Tereza são, verdadeiramente, respaldados na realidade do bairro. A ideia de “verdade” e a busca por uma coerência são pouco frutíferas a uma discussão relativa às representações coletivas. Afinal, o limite entre o que “se é” e o que “se deseja ser”, entre a representação discursiva e a realidade, é tênue, impreciso e nebuloso. O que pretendemos, antes, é demonstrar a força das lutas simbólicas e a sua capacidade de forjar uma fala única, de estabelecer classificações percebidas como naturais, ao preço de negligenciar as diferenças, as dissonâncias e os conflitos.

APONTAMENTOS FINAIS: A MERCANTILIZAÇÃO DA TRADIÇÃO

Os discursos construídos para o Santa Tereza, analisados neste artigo, acabaram por extrapolar as fronteiras do bairro, sendo, ao longo do tempo, apropriados por um número maior de belo-horizontinos. Um exemplo disso pode ser verificado nas entrevistas realizadas com os moradores dos bairros Floresta, Lagoinha e Bonfim¹⁴. Ao serem perguntados sobre o que Santa Tereza representa para eles, 36% utilizaram expressões positivas para caracterizar suas impressões sobre o bairro, tais como “bom”, “excelente”, “lindo”, “famoso”, “ótimo”, “perfeito”, “maravilhoso”, “acolhedor” e “muito bom”. A segunda representação mais significativa foi a relativa ao bairro como tradicional – 22% -, seguido da boemia com 18% e da cultura com 10%. Somente 3% dos entrevistados manifestaram percepções negativas, e 8,6% disseram não conhecer Santa Tereza. Os demais – 8,4% - fizeram referência a aspectos muito variados, dificultando seu agrupamento.

A afirmação de uma imagem positiva de Santa Tereza, ou ainda, a sua associação à boemia, à tradição e à cultura entre os moradores de outras regiões da cidade, também foi corroborada pela mídia de circulação mais ampla, isto é, não restrita ao bairro. Por exemplo, ao lançarmos o nome do bairro nos sites de busca disponíveis na internet, encontramos uma enormidade de textos jornalísticos, publicitários e de *blogs* que, num discurso orquestrado, reafirmam, de maneira quase estereotipada, as qualidades que fazem de Santa Tereza um lugar

¹⁴ Essas entrevistas fazem parte da pesquisa “Bairros históricos de BH” financiada pela FAPEMIG e desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas em parceria com a Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, durante o ano de 2010.

especial na cidade, como se depreende do artigo abaixo, intitulado “Santa Tereza sinônimo de boemia”:

(....) Belo Horizonte detém o título de “capital nacional dos bares”. Em todas as regiões da cidade podemos encontrar belos exemplares com saborosos tira-gostos e cerveja gelada, dupla fundamental em um bom boteco, mas um lugar em especial se destaca no cenário “botequeiro” de BH: o bairro de Santa Tereza. Localizado na região Leste de Belo Horizonte, o bairro é famoso pela boemia, seus bares e por ser o berço de grandes ídolos da música brasileira (Magalhães 2008).

O mesmo repertório de símbolos e referências pode ser observado no artigo abaixo, intitulado “O Charme de Santa Tereza”:

Há quem diga que a felicidade mora lá. E se por acaso você esbarrar com ela, provavelmente estará em um dos bares ou restaurantes, saboreando belo prato e, claro, aquela cerveja bem gelada. Assim é o bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte, importante berço de movimentos culturais como o Clube da Esquina, e tradicional reduto de uma boemia mineira descompromissada e ávida por viver a vida. Diante disso, a [Revista] Encontro fez um passeio pelas esquinas do bairro para tentar descobrir o que a Santê (para os íntimos) tem que os outros não têm (Campos 2009).

Ademais, percebe-se que há uma relativa cumplicidade entre a mídia jornalística e determinado grupo de moradores do bairro e, em particular, os comerciantes, beneficiados com o aumento da frequência de clientes oriundos de outras regiões da cidade e, mesmo, de outras cidades. Não por acaso, alguns dos moradores por nós entrevistados nos revelaram que o número de bares em Santa Tereza e de seus frequentadores têm crescido, de maneira particularmente rápida, nos últimos cinco anos. Portanto, um dos efeitos da construção e consolidação de uma identidade para o bairro foi a sua ascensão comercial como patrimônio histórico e cultural da cidade. Cada vez mais o bairro recebe frequentadores e visitantes que buscam mais do que os seus bares. Buscam, sobretudo, uma boemia e uma cultura supostamente vivenciada de maneira “tradicional, “autêntica”, “antiga”. Os modos de vida interioranos, a boemia e a cultura, nesse contexto, passam a ser, ao mesmo tempo, vividos e encenados tanto pelos moradores do Santa Tereza, como pelos “de fora” que por lá transitam. Afinal, “a própria cidade, enquanto cenário, se encarrega de desenvolver nos indivíduos talentos específicos resultantes do hábito, do costume, da educação e das trocas que encontram lugar nos mais variados meios urbanos” (Simões 2010: 170). No caso do Santa Tereza, os seus “talentos específicos” foram associados à tradição, boemia e cultura e, paralelamente, valorizados como potencial fonte de exploração

econômica¹⁵. Em suma, a tradição torna-se uma categoria turística que produz um diferencial abalizado pelo tempo, concedendo ao Santa Tereza; um atrativo econômico inigualável no interior da cidade moderna.

Portanto, se por um lado, as vivências cotidianas compartilhadas pelos moradores acabaram por forjar um discurso unívoco sobre o bairro, por outro, percebemos que os discursos mostram-se grandemente capazes de moldar a realidade social. Afinal, como bem nos lembra Bourdieu, as representações, ao direcionarem as interpretações acerca do mundo, acabam por transformar este mesmo mundo (Ortiz 2003).

Isto explica, por exemplo, porque outros bairros de Belo Horizonte, possuidores de características semelhantes às do Santa Tereza, isto é, uma ambiência interiorana e uma forte relação de vizinhança, convivendo com um grande número de bares e espaços de sociabilidade, não assumiram a mesma projeção no imaginário coletivo da capital mineira. Esses bairros, ainda que possuidores de características que lhe são peculiares e mesmo; de um sentimento de identidade, por razões diversas, não construíram um forte discurso “para si”, não acumularam um capital simbólico, isto é, “um capital com base cognitiva apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento” (Bourdieu 1997: 150) capaz de afirmá-los em meio às inúmeras representações que delimitam os territórios da cidade.

¹⁵ Exemplo similar de como a tradição torna-se um atrativo turístico pode ser observado na trajetória histórica da Vila Mimosa, antiga zona de prostituição carioca. Após passar por uma “renovação urbana”, que levou à remoção dos seus antigos e indesejados habitantes, o local perdeu a sua identidade, necessitando ser reinventado. Para reestruturar a Vila Mimosa, as cafetinas se organizaram e se instalaram em outro local onde se buscou construir “um novo conceito de zona”, embora amparado em uma genealogia com a antiga Vila. Requalificada e modernizada, a nova Vila atualizou o passado, tornando-se “uma grife” da lendária zona do baixo meretrício, ou ainda, uma cidade cenográfica onde se desenrola a “teatralização da prostituição”, atraindo inúmeros turistas e numerosos moradores da zona sul do Rio de Janeiro. Ver: Simões, Soraya Silveira. Vila Mimosa. 2010. Etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca. Niterói: UFF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. 2005. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.
- BAGGIO, Ulysses da Cunha. 2005. *A Luminosidade do Lugar: circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza*. 2005. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bairros Históricos de Belo Horizonte: Patrimônio Cultural e Modos de vida – Santa Tereza – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/Prefeitura de Belo Horizonte, 2010.
- BIXIGA. In: WIKIPÉDIA. 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bixiga>>. Acesso em: set.
- BOURDIEU, Pierre. 1997. *A Miséria do Mundo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- BRIGGS, Ada. 1972. O conceito de Lugar. In *A Humanização do Meio Ambiente*. Simpósio do Instituto Smithsonian. São Paulo: Cultura.
- CAMPOS, Rafael. 2010. O charme de Santa Tereza. Revista Encontro, Belo Horizonte, n. 102, 30 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://www.revistaencontro.com.br/edicao/102/o- charme-de-santa-tereza>>. Acesso em: set.
- GOMES, Otávio Nogueira. 19-. Monografia da História do Bairro de Santa Tereza: I Concurso de Monografias de História de Bairros da Região Leste de Belo Horizonte. Brochura.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). 1984. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- IPEAD - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais. Censo 2000.
- JORNAL DE SANTA TEREZA, Belo Horizonte, nov. 1989
- LAPA. In: WIKIPÉDIA. 2010. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapa_\(bairro_ do_Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lapa_(bairro_do_Rio_de_Janeiro))>. Acesso em: set.
- MAGALHÃES, Evaldo. 2008. Santa Tereza: sinônimo de boemia. In: *Jornalismo On Line*. Belo Horizonte. Disponível em: http://www.evaldomagalhaes.jor.br/parabolik/index.php?option=com_content&task=view&id=260&Itemid=50. Acesso em: set. 2010.
- MOVIMENTO SALVE SANTA TEREZA. 1996. Um abraço em Santa Tereza. Belo Horizonte: Movimento Salve Santa Tereza.
- ORTIZ, Renato. 2003. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Editora Olho D'água.
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE/PBH. 2010. Diretoria de Patrimônio Cultural. Dossiê de Tombamento: Rua Tenente Freitas, 261. Belo Horizonte: DIPC/FMC.
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE/PBH. 1996. Lei n.º 7165/96 de 27 de agosto de 1996: Institui o Plano Diretor do Município de Belo Horizonte. Belo Horizonte: PBH.
- RENAN, Ernest. 1997. *O que é uma nação?* Rio de Janeiro: UERJ.

- REVISTA ENCONTRO. 2010. O Charme de Santa Tereza. Belo Horizonte: Revista Encontro, 102. Disponível em: <http://www.revistaencontro.com.br/edicao/102/o-charme-de-santa-tereza>. Consultado em setembro de 2010.
- SANTA TEREZA. 1991. A Praça: Edição Comemorativa da Reinauguração da Praça de Santa Tereza. Belo Horizonte:PBH.
- SANTA THERESA. 1998. Belo Horizonte: Luis Góes, 66.
- SANTA THERESA. 1999. Belo Horizonte: Luis Góes, 69.
- SANTA TEREZA. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Tereza_\(bairro_do_Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Tereza_(bairro_do_Rio_de_Janeiro))>. Acesso em: set. 2010.
- SANTA TEREZA NOTÍCIAS. 2007. Belo Horizonte: Cássio Drummond, 52.
- SANTA TEREZA NOTÍCIAS. 2007. Belo Horizonte: Cássio Drummond, 54.
- SANTA TEREZA NOTÍCIAS. 2007. Belo Horizonte: Cássio Drummond, 56.
- SANTA TEREZA NOTÍCIAS. 2003. Belo Horizonte: Cássio Drummond, 5.
- SANTA TEREZA NOTÍCIAS. 2004. Belo Horizonte: Cássio Drummond, 23.
- SANTA TEREZA NOTÍCIAS. 2006. Belo Horizonte: Cássio Drummond, 45.
- SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: 1979. VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SIMÕES, Soraya Silveira. 2010. *Vila Mimosa*: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca. Niterói: UFF.
- VOGUEL, Arno e MELLO, Marco Antônio da Silva. 1980. *Quando a Rua Vira Casa*: A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro. RJ: FINEP/IBAM.
- WESTIN, Vera Lúcia Costa. 1998. Santa Tereza na construção cotidiana da diferença: um estudo sobre interações comunicativas e apropriação simbólica no espaço urbano: um bairro da Belo Horizonte do final do século. 1998. 146 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - UFMG, Departamento de Comunicação Social, Belo Horizonte.
- Françoise Jean de Oliveira Souza: Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Chefe da Divisão de Pesquisa, Inventário e Documentação da Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte. Contato: francoisejean76@yahoo.com.br
- Karime Gonçalves Cajazeiro: Mestre em Ciências Sociais pela PUC-MG e arquiteta urbanista da Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte. Contato: karimegoncalves@yahoo.com.br

ABSTRACT:

This Article aims to analyze the influence of media discourse in the construction of a collective imagination about a district of Belo Horizonte and reverberation of imagination among city residents. To this end, we take as an example the district of Santa Tereza and examine how the symbolic elements and the social representations which define the local identity have been consolidated in the discourse of that community.

KEYWORDS

Imaginary; collective identities; neighborhood; media discourse.

SUBMETIDO EM

Fevereiro de 2011

APROVADO EM

Fevereiro de 2012

Françoise Jean de Oliveira Souza

Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Chefe da Divisão de Pesquisa, Inventário e Documentação da Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte.

Karime Gonçalves Cajazeiro

Mestre em Ciências Sociais pela PUC-MG e arquiteta urbanista da Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte.